

# TOPONÍMIA BÍBLICA: UM ESTUDO DOS MONTES NAS ESCRITURAS SAGRADAS

Danúbia Aline SILVA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem o objetivo de apresentar e discutir, a partir dos nomes dos principais montes na Bíblia, as relações existentes entre esses nomes próprios, o contexto bíblico em que estes aparecem e as características sociais dos indivíduos apresentados pelos relatos na Bíblia. Dessa forma, procura-se destacar o quanto o nome de um determinado monte estabelece uma relação direta com o contexto bíblico em que ele aparece, além de apresentar importantes relações com grupos sociais que o utilizam e com a própria geográfica bíblica. Valendo-se de fundamentações teóricas a partir dos estudos já realizados dentro da Toponímia, serão considerados, conforme a ordem que aparecem nos relatos bíblicos, os seguintes montes: *Monte Ararate*, *Monte Mória*, *Monte Horebe*, *Monte Sinai* e *Monte Carmelo*. Posteriormente, o presente trabalho ampliará os seus estudos e apresentará, junto dos montes já citados, a análise acerca de outros doze montes bíblicos, os quais são: *Monte Hor*, *Monte Ebal*, *Monte Gerizim*, *Monte Nebo*, *Monte Efraim*, *Monte Tabor*, *Monte Gileade*, *Monte Gilboa*, *Monte Sião*, *Monte Líbano*, *Monte Hermom* e, por fim, *Monte das Oliveiras*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Toponímia; Bíblia; montes; contexto e geografia.

## Considerações Iniciais

Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda alma vivente, isso foi o seu nome. (Gênesis 2:19)

Nomear lugares, pessoas, animais, plantas e objetos são, desde a criação do mundo, uma necessidade humana. Desde o início dos tempos apresentado pela Bíblia, nomear é uma característica do “ser” e do “fazer” do homem; do “ser” porque nomear, identificar mostrou ser uma necessidade de sua própria natureza, e do “fazer” porque dar nomes a tudo que rodeia mostrou ser uma necessidade primeira da convivência de um ser social, que interage, influencia e transforma a sociedade em que vive. Nomear é uma prioridade

---

<sup>1</sup> UFMG, Faculdade de Letras, Departamento de Letras, Rua Robertson Pinto Coelho, 427, Barreiro de Cima, Solar. Cep: 30628 – 080. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: danubialinesilva@yahoo.com.br

daquele que se vê diante do mundo e da sua existência. É assim que Deus, o Criador apresentado pelas Escrituras Sagradas, deu a Adão a tarefa de nomear “todo o animal do campo e toda a ave do céu” e este por sua vez, “pôs os nomes a todo o gado e às aves dos céus, e a todo o animal do campo” (Gênesis 2:20).

Visto a sua importância e significado para o estudo das relações entre o homem, a linguagem e o mundo, há, entre os estudos lingüísticos, a ciência conhecida por *Onomástica*, que tem duas divisões principais: a *Toponímia*, estudo dos nomes de lugares, e a *Antroponímia*, estudo dos nomes de pessoas. Assim, desenvolve-se uma ciência que estuda a “inter-relação nome, identidade e cultura”, considerando os nomes como “recortes de uma realidade vivenciada, conscientemente ou não, pelo denominador isolado ou pelo próprio grupo, numa absorção coletiva dos valores especiais que representam a mentalidade do tempo histórico ou ethos grupal” (DICK, 1998, p.97).

Maria Vicentina Dick, em seu artigo “Os nomes como marcadores ideológicos”, na “Revista Internacional de semiótica e lingüística”, cita PAZ (1993, p.15) apontando que a palavra

como signo de uma saber codificado favorece a expansão de outros signos conseguintes, que podem ser considerados representações de experiências particulares e coletivas: “a linguagem não é só um fenômeno cultural como constitui, simultaneamente, o fundamento de toda sociedade, e a expressão social mais perfeita do homem”.

Diante disso, destacamos o fato de que, além de identificar e diferenciar, os nomes são construídos e estabelecidos dentro de redes complexas de significados, redes nas quais

as visões de mundo dos indivíduos se entrelaçam às características histórico-sociais de sua época.

O presente artigo tem o objetivo de apresentar e discutir, a partir dos nomes dos principais montes na Bíblia, as relações existentes entre esses nomes próprios, o contexto bíblico em que estes aparecem e as características sociais dos indivíduos apresentados pelos relatos na Bíblia. Dessa forma, procura-se destacar o quanto o nome de um determinado monte estabelece uma relação direta com o contexto bíblico em que ele aparece, além de apresentar importantes relações com grupos sociais que o utilizam e com a própria geografia bíblica.

Dessa forma, a seguir, valendo-se de fundamentações teóricas dentro dos estudos já realizados dentro da Toponímia, serão considerados, conforme a ordem que aparecem nos relatos bíblicos, os seguintes montes: *Monte Ararate, Monte Mória, Monte Horebe, Monte Sinai e Monte Carmelo*. Posteriormente, o presente trabalho ampliará os seus estudos e apresentará, junto dos montes já citados, a análise acerca de outros doze montes bíblicos, os quais são: *Monte Hor, Monte Ebal, Monte Gerizim, Monte Nebo, Monte Efraim, Monte Tabor, Monte Gileade, Monte Gilboa, Monte Sião, Monte Líbano, Monte Hermom* e, por fim, *Monte das Oliveiras*.

### **Algumas considerações teóricas**

Maria Vicentina Dick, em sua obra “Toponímia e Antroponímia no Brasil – Coletânea de Estudos”, desenvolveu o estudo dos “motivos toponímicos”, formalizando as “taxeonomias toponímicas”. Estas taxeonomias foram dispostas em dois grupos: o primeiro de natureza física ou natural; o segundo de natureza antrop-cultural, “cada um comportando uma seriação lógica, de acordo com a temática neles incluída”. Ao

realizarmos o estudo dos nomes dos montes aqui propostos, percebemos que alguns deles se encaixam entre aqueles de natureza física, como no caso de “Monte Carmelo” ou “Monte Líbano”, enquanto que outros estão entre aqueles de natureza antro-cultural, como “Monte Efraim” ou “Monte Sinai” – tal classificação será, posteriormente, explicitada.

Em relação á estrutura de um topônimo, segundo Dick (1990), há uma “relação binômia”, em que podemos depreender dois elementos básicos, um “relativo á entidade geográfica que irá receber a denominação, e o outro, o elemento ou termo específico, ou topônimo propriamente dito, que particularizará a noção espacial, identificando-a e singularizando-a dentre outras semelhantes”. Assim, em *Monte Sinai* e *Monte Tabor*, por exemplo, encontramos a entidade geográfica “monte” e os termos específicos “Sinai” e “tabor”. Os nomes aqui estudados aparecem de forma justaposta, no entanto há casos em que o sintagma toponímico aparece de forma aglutinada, como em “Parauna”, “rio negro”.

Quanto à composição morfológica dos toponomásticos, os elementos distribuem-se em específicos simples, compostos ou híbridos. Segundo Dick (1990, p.13),

o topônimo ou o elemento específico simples é aquele que se faz definir por um só formante (seja substantivo ou adjetivo, de preferência), podendo, contudo, se apresentar também acompanhado de sufixações (diminutivos, aumentativos ou de outras procedências lingüísticas).

É dentro desse grupo de “elemento específico simples” que se encaixam os nomes dos montes em estudo, apresentando elementos simples como “Ararate”, “Horebe”, “Carmelo”, etc.

Elemento específico composto

é aquele que se apresenta com mais de um elemento formador, de origens diversas entre si, do ponto de vista do conteúdo, gerando, por isso, às vezes, formações inusitadas que, talvez, apenas a história local poderá elucidar, convenientemente. (DICK, 1990, p.14)

Como exemplos a autora cita “lava Roupa” (GO), “Fôlego do Sérgio” (BA), “Baixinha de todos os Santos” (MG).

Elemento específico híbrido “é aquele designativo que recebe em sua configuração elementos lingüísticos de diferentes procedências”. Alguns exemplos: “Lajinha do Mutum” (MG) (formação portuguesa + indígena) ou “Marabá Paulista” (formação indígena + portuguesa).

É interessante observar que a autora nos fala de “formações “hieró” ou “hagiotoponímicas”, isto é, “aquelas que envolvem nomes sagrados em geral”. Vemos que, tratando-se de um estudo em *Toponímia Bíblica*, os nomes dos montes em estudo constituem um *conjunto de nomes sagrados pertencentes aos relatos bíblicos*, nomes que, por conseguinte, pertencem a uma classificação toponímica específica.

Dick (1990) também discute acerca da relação entre a arbitrariedade dos signos lingüísticos e a motivação para a construção de um determinado topônimo. A autora afirma:

Muito embora seja o topônimo, em sua estrutura, uma forma de língua, ou um significante animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o

duplamente o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo. (DICK, 1990, p.18).

A autora diz que os topônimos além de identificarem os lugares, dão também

A indicação precisa de seus aspectos físicos ou antropoculturais, contidos na denominação (...) pois, tanto os topônimos, como os antropônimos, ao lado de uma função identificadora, guardam, em sua estrutura imanente, uma significação precisa, muitas vezes não mais transparentes em virtude da opacidade que esses nomes adquire, ao se distanciarem de seus condicionantes tempo- espaciais. (DICK, 1990, p.19).

Há ainda muito que ser considerado acerca de tópicos e questões pertencentes à teoria da Toponímia, no entanto, por hora, detemo-nos até aqui. Necessário é que tenhamos em mente a relevância destes estudos, uma vez que

(...) alguns estudiosos da Toponímia procuram, assim, defini-lo em razão da importância de que se reveste como fonte de conhecimento, não da língua falada na região em exame apenas, como também de ocorrências geográficas, históricas e sociais, testemunhadas pelo o povo que a habitou, em caráter definitivo ou temporário. (DICK, 1990, p. 20).

## **O estudo dos montes nas Escrituras Sagradas**

## **Monte Ararate**

E a arca reposou no sétimo mês, no dia dezessete do mês, sobre os Montes de Ararate. (Gênesis 8:4)

Após um grande e intenso período de chuva, as águas do dilúvio diminuem e a arca, construída por Nóe, “pousa” sobre os “Montes de Ararate”. Segundo alguns estudiosos, “Ararate” foi bem adaptado pra ser o berço da raça humana, visto que na arca havia apenas oito pessoas, Nóe, esposa, três filhos e três noras, os quais deveriam “frutificar, multiplicar e encher a terra” (Gênesis 9:1). Além disso, Ararate teria sido adaptado para ser o centro do qual os homens podiam partir para as várias partes do mundo.

Segundo o Dicionário Enciclopédico da Bíblia, Ararate, território montanhoso da Armênia, de onde nascem os rios Tigre e Eufrates, em hebraico seria arãrãt. Entre as diferentes traduções da Bíblia, encontramos pelo menos três formas diferentes para o nome: Ararate, Ararat ou Arará. Segundo esse mesmo dicionário “Ararate” é no antigo testamento sempre o nome de uma região da Armênia, ao médio Araxes, e não do monte onde a arca encalhou. Isso porque, entre os escritos bíblicos encontramos a expressão “nas montanhas - ou montes – de Ararate” e não a expressão “na Montanha – ou no Monte – Ararate. Assim Ararate seria o reino de Urartu, conhecido por textos cuneiformes, o qual “teve a sua maior florescência entre o 9º e o 7º século AC.”, como nos informa o livro de Jeremias 51:27.

Segundo o Dicionário, os habitantes de Urartu tinham “o seu próprio idioma, não semítico, do qual se conservaram inscrições numa forma mais antiga da escritura cuneiforme neo-assíria”. É só posteriormente que o nome da região “Ararate” passou para o monte “Ararate”. A partir desse fato, reconhecemos aqui um topônimo de natureza antropocultural, em que o nome identificador de um monte é relativo ao nome próprio de uma

região – corotopônimo, segundo as taxonomias toponímicas de Dick (1990) -, no caso a região “Ararate”.

É interessante ainda destacar que a região ou o monte “Ararate” é conhecido com o nome de “Massis” pelos armênios, de “Aghri - Dagh”, que significa “escarpado monte”, pelos turcos, e de “Kuh – i – Nuh”, “Montanha de Noé”, pelos persas. Segundo alguns autores, Ararate termina em dois picos cônicos, que se chamam o Maior e o Menor Ararate, distantes um do outro, o primeiro estando a 6.260m acima do nível do mar, e o outro a 4.267m acima da planície dos Arapás.

### **Monte Moriá**

E disse: toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas que eu te direi. (Gênesis 22:02)

É no Monte Moriá que se passa um dos episódios mais lembrados entre os relatos bíblicos: o angustiante sacrifício de Isaque, que deveria ser realizado por seu próprio pai, o grande patriarca Abraão. Depois de muito tempo desejando um filho, Sara, esposa de Abraão, já com 90 anos, dá a luz a um menino, chamado Isaque, que, segundo a promessa divina, seria a primeira “semente” de uma descendência “numerosa como as estrelas”. (Gênesis 15:05). No entanto, para a surpresa do Patriarca, Deus pede Isaque, o único herdeiro legítimo de Abraão, em sacrifício. Tal pedido, de fato, era um grande teste para a fé de Abraão, uma vez que, nos tempos bíblicos, a descendência de um homem era o seu maior tesouro. Assim, é no Monte Moriá que a fé de Abraão é provada, até o momento em



que o “Anjo do Senhor” interrompeu o sacrifício e concedeu a Abraão um carneiro para que então fosse crucificado em lugar de seu filho.

Então levantou Abraão os seus olhos e olhou; e eis um carneiro detrás dele, travado pelos seus chifres, num mato; e foi Abraão, e tomou o carneiro, e ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho. E chamou Abraão o nome daquele lugar O SENHOR PROVERÁ,;donde se diz até o dia de hoje: No monte do Senhor se proverá. (Gênesis 22:07)

É interessante observarmos aqui que, o Monte Moriá, após aquele prova de fé e obediência, ganha outro nome, “Monte o Senhor Proverá”, uma vez que foi o próprio Deus, e não Abraão quem proveu o “cordeiro para o holocausto” (Gênesis 22:07). A Bíblia diz que “até ao dia de hoje”, após o acontecido, todo o povo passou a conhecer àquele lugar pelo seu novo nome. O nome “monte do Senhor se Proverá” passou a ser uma marca de que a confiança de Abraão foi ali testada e aprovada, além de apontar para o fato de que para todos os conflitos e angústias humanas, “Deus proverá” a solução. Sobre esse “processo denotativo”, como ocorreu neste caso em questão, Maria Vicentina Dick, em seu artigo “os nomes como marcadores ideológicos”, diz o seguinte:

A peculiaridade do processo denotativo é exatamente a constituição desta cadeia gerativa de enunciação, que revela contornos particulares; um denominador isolado, construtor de uma mensagem (doador de um único nome ou de vários nomes em situação de abrangência areal), interferindo em uma coletividade receptora, que passa a ser usuária do(s)

designativo(s), sem que interagisse na dinâmica do processo. A adequação da escolha, que passa pelo crivo da objetividade ou da subjetividade do nomeador, ainda que inconscientemente, será sentida ou pela reação do grupo ou pela análise posterior do lingüista, em uma fase posterior, distinta do momento inicial de marcação do lugar ou do batismo da pessoa. (DICK, 1998, p.103).

Segundo o Dicionário Judaico de Lendas e Tradições, Monte Moriá ou Moriah assume em hebraico, a forma “Har há – moriá”. A origem do nome do monte atribui-se a palavra hebraica para “ensino”, pois o monte foi o lugar da Academia de Shen e Eber no tempo dos patriarcas.

A santidade do Monte Moriá, segundo este mesmo Dicionário, remota a própria criação do mundo e do homem, uma vez que Adão foi criado do pó do Monte moriá e, quando expulso do Jardim do Éden pisou primeiro neste mesmo monte, já que este era próximo a entrada do Paraíso. E também no Monte Moriá, segundo o livro de II Crônicas 3:01, que o Rei Salomão, filho do rei Davi, construiu o templo de Deus – “E começou Salomão a edificar a casa do Senhor em Jerusalém no Monte de Moriá”.

### **Monte Horebe e Monte Sinai**

E disse também o Senhor a Moisés: vai ao povo, e santifica-os hoje e amanhã, e lavem eles as suas roupas, e estejam prontos para o terceiro dia; portanto no terceiro dia o Senhor descera diante dos olhos de todo o povo sobre o Monte Sinai. (Êxodo 19:10 e 11).

Horebe ou Horeb, em hebraico *hōrēb*, significa “o seco”, “o desolado”, característica apropriada do deserto no qual o monte se localiza. Segundo os estudiosos, o Monte Horebe é também chamado de “Monte Sinai”, nome que os israelitas deram ao “Monte de Deus”, onde Javé apareceu a Moisés e concluiu a sua aliança com Israel, entregando-lhes as “Tábuas da Lei” ou “Dez mandamentos”.

Segundo o Dicionário Enciclopédico da Bíblia, o uso do nome “Horeb” é geralmente atribuído às tradições eloístas no Pentateuco, bem como ao livro do Deuteronômico e da história deuteronômica. Já o uso do nome “Sinai” é geralmente atribuído às tradições javista e sacerdotal. Segundo alguns estudos, há a possibilidade de “Horeb” ter sido o nome de toda a montanha, e “Sinai” o de um determinado cume, onde, seria o lugar específico em que a *Lei* foi dada aos israelitas. Além disso, o nome “Sinai” pode ter a sua origem diante do fato de que naquele lugar haveria cultos pagãos dedicados ao deus “Sin”, o “deus – lua”, adorado pelos antigos semitas, o que fazia com que se evitasse, entre os adoradores de Javé, o uso do nome “Sinai”.

Segundo o Dicionário Bíblico Universal, o nome hebraico “*Sinay*” apresenta uma etimologia hebraica tripla: o nome pode referir-se a “montanha do deus Sin”, à “montanha do deserto do Sin” – como está registrado em Êxodo 16:01 e 17:01 ou em Números 33:11 – ou à “montanha da sarça”, palavra que em hebraico seria “*seneh*”.

O estudo do contexto bíblico tem muito a nos dizer acerca da etimologia hebraica “montanha da sarça”. O texto bíblico traz os seguintes versos:

E apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote em Midiã, e levou o rebanho atrás do deserto, e chegou ao monte de Deus, a Horebe. E apareceu-lhe o Anjo do Senhor em uma chama de fogo no

meio de uma sarça; em olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia. E disse: Não te achegues pra cá; tira os sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa. Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. E Moisés encobriu o seu rosto porque temeu olhar para Deus. (Êxodo 3: 1, 2, 5 e 6).

Nestes versos encontramos a descrição de uma sarça que “ardia em fogo”, mas que “não se consumia”. O próprio Deus, ao dirigir-se a Moisés diz que aquele lugar era “terra santa” e que, portanto, não deveria ser visto como um lugar comum. Assim, a presença de Deus naquele monte e sua manifestação sobrenatural através da sarça ardente tornam o “Monte Sinai” ou o “Monte Horebe”, um monte santo, chamado, pelo próprio texto bíblico de “Monte de Deus”.

O Dicionário Bíblico Universal afirma que a descrição dessa sarça pode lembrar o trovão, o qual é um sinal evidente da presença divina. Além deste episódio, é neste mesmo monte que Deus dá uma importante missão a Moisés:

E disse também o Senhor a Moisés: vai ao povo, e santifica-os hoje e amanhã, e lavem eles as suas roupas, e estejam prontos para o terceiro dia; portanto no terceiro dia o Senhor descera diante dos olhos de todo o povo sobre o Monte Sinai. (Êxodo 19: 10 e 11)

Com essas palavras, Deus marca um encontro com Moisés no Monte Sinai, o povo de Israel, no entanto, deveria conter-se, e nem mesmo aproximar-se do monte:

E marcarás limites ao povo em redor, dizendo: guardai-vos, não subais ao monte, nem toqueis o seu termo; todo aquele que tocar o monte, certamente morrerá. (Êxodo 19:12)

A Bíblia afirma que o Monte Sinai, após a manifestação divina, “fumegava, porque o senhor descera sobre ele em fogo” e “todo o monte tremia grandemente”. Foi assim que “chamou o Senhor a Moisés ao cume do monte e Moisés subiu” (Êxodo 19:20). Assim, Deus, diante de todo o povo de Israel que estava ao pé do monte dita os “Dez Mandamentos” ou “Decálogo”, determinando que a existência dos israelitas como povo dependia de sua vocação de portadores da revelação divina.

É interessante também destacar que é neste mesmo monte que mais uma vez temos um encontro entre Deus e o homem: após combater contra os profetas do deus Baal, o Profeta Elias, ameaçado pela rainha Jezabel, viaja para o monte Horebe e lá Javé se manifesta:

Levantou-se, pois e comeu e bebeu; e com a força daquela comida caminhou quarenta dias e quarenta noites até Horebe, o monte de Deus. E ali entrou numa caverna e passou ali à noite; e eis que a palavra do Senhor veio a ele, e lhe disse: que fazes aqui Elias? E deus lhe disse: sai para fora e põe-te neste monte perante o Senhor. (I Reis 19: 8, 9 e 11)

Diante de todas essas considerações, aproximamo-nos da concepção mitológica, presente na Assíria e na Babilônia, de que os montes se apresentam como habitações da

divindade ou dos deuses. O “Monte Sinai” ou “Horebe”, o “monte de Deus”, é, de fato, um lugar especial no contexto bíblico; um lugar de encontro entre o humano e o divino.

### **Monte Carmelo**

Agora, pois envia, ajunta a mim todo o Israel no monte Carmelo; como também os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas de Asera, que comem da mesa de Jezabel. Então enviou Acabe a todos os filhos de Israel: e ajuntou os profetas no monte Carmelo. (I Reis 18:19 e 20).

Segundo o Dicionário Enciclopédico da Bíblia, o nome “Carmelo”, em hebraico, pode significar “o pomar” ou, segundo outros autores, “jardim”. Esse nome remete-nos ao fato de que, apesar de o monte não ser muito rico em água e no verão tornar-se queimado e seco, no inverno numerosas e belas flores cobrem o monte Carmelo; sua fertilidade era uma característica notável nos tempos antigos. No contexto bíblico, a fertilidade e a beleza da vegetação no Monte Carmelo apontam para a manifestação da excelência e glória de Deus (Isaías 35:2), enquanto que um Carmelo estéril e seco era sinal de extrema penúria e desolação (Isaías 33:9).

De acordo com o mesmo Dicionário, o nome “Monte Carmelo” refere-se a uma serra de 20 km de comprimento, entre o Mar Mediterrâneo e a planície de Jezrael, hoje o nome é conhecido por gebel Karmel ou gebel mar elyãs, que significa “Monte do Santo Elias”.

É a partir desse significado, “Monte do Santo Elias”, que somos levados ao estudo do relato bíblico. O profeta Elias viveu nos tempos do reinado da rainha Jezabel e do rei Acabe. Elias, um profeta do Deus de Israel, indignado diante da adoração ao deus Baal promovida por Acabe e mais intensamente por Jezabel – Acabe, um rei Israelita, após ter “deixado os mandamentos do Senhor”, assim como o fez a geração que o antecedeu, casa-se com Jezabel, uma rainha de personalidade extremamente forte e grande adoradora do deus Baal – lança um desafio aos reis e a todo povo de Israel:

Agora, pois envia, ajunta a mim todo o Israel no monte Carmelo; como também os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas de Asera, que comem da mesa de Jezabel. Então invocai o nome do vosso deus, e eu invocarei o nome do Senhor: e há de ser que o deus que responder por fogo esse será Deus. E todo povo respondeu, e disseram: é boa esta palavra. (I Reis 18:19 e 24).

Segundo o relato bíblico, neste episódio os profetas de Baal clamavam fervorosamente ao seu deus; porém apesar de invocarem “desde amanhã até ao meio dia”, “não havia voz, nem quem respondesse”. Diante disso, ironicamente diz o profeta Elias:

E sucedeu que ao meio dia Elias zombava deles, e dizia: Clamai em alta voz, porque ele é um deus; pode ser que esteja falando, ou que cousa que fazer, ou que intende alguma viagem; por ventura dorme, e despertará. (I Reis 18:27).

Por mais um tempo clamaram a Baal os profetas, até que chegou a vez do profeta Elias, o “único profeta do Deus de Israel” ali presente. Assim o contexto bíblico descreve:

Sucedeu, pois que, oferecendo-se a oferta de manjares, o profeta Elias se chegou, e disse: Ó Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, manifeste-se hoje que tu és Deus em Israel e que eu sou teu servo, e que conforme a tua palavra fiz todas essas coisas. Responde-me, Senhor, responde-me, para que este povo conheça que tu, Senhor, és Deus, e que tu fizeste tornar o seu coração para trás. Então caiu fogo do Senhor, e consumiu o holocausto, e a lenha e as pedras, e o pó, e ainda lambeu a água que estava no rego. (I Reis 19: 36-38)

Dessa forma, o Monte Carmelo passa então a ser conhecido como monte em que o profeta Elias prova a todo povo de Israel que “só o Senhor é Deus”, e que, de fato, nenhum israelita deveria prestar culto ao deus Baal, um deus que não havia nem mesmo respondido aos seus profetas. Na bíblia, o Monte Carmelo também é palco para alguns outros milagres realizados por Deus através do profeta Eliseu, sucessor do profeta Elias. Vemos que, o estudo do nome “Carmelo”, além de nos remeter às próprias características físicas do monte, também nos trás uma riqueza de informações acerca do contexto e da cultura bíblica.

### **Considerações finais**

O estudo da *Toponímia*, um imenso complexo língu-estrutural, tem uma importante riqueza de informações acerca de diferentes políticas, culturas, religiões e



práticas sociais. O estudo dos nomes não se restringe apenas em definir o seu caráter de identificação e diferenciação; estudar nomes é interpretar um “verdadeiro fóssil lingüístico”, do qual muitas informações sócio-culturais podem ser “escavadas” e assim sistematizadas.

É assim que o estudo dos montes nos traz interessantes informações sobre os povos da cultura bíblica, sobre como estes se organizavam dentro de seu sistema social, sobre sua visão de mundo e sobre como suas práticas religiosas eram preponderantes diante de suas decisões. O nome, aqui, talvez seja a primeira “porta” que abrimos de uma língua para conhecer a história e a vivência de um “povo escolhido por Javé”. A partir disso, pretendemos estender este trabalho e possibilitar que novos estudos, dentro de uma *Toponímia Bíblica*, venham ampliar a nossa percepção e compreensão acerca dessa ciência.

### **Referências Bibliográficas**

1. Bíblia Sagrada. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição corrigida e revisada. São Paulo: Casa João Ferreira de Almeida, 1995.
2. DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil – Coletânea de Estudos*. 2ª edição. São Paulo, Serviço de Artes gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1990.
3. DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Os nomes como marcadores ideológicos*. São Paulo, Revista Internacional de Semiótica e Lingüística, V.7, 1998, p. 97-122.
4. MONLOUBOU, L. e DU BUIT, F.M. *Dicionário Bíblico Universal*. São Paulo, Editora Santuário, 1997.
5. METZGER, M. Bruce e COOGAN, Michael D. *Dicionário da Bíblia, V.1: as pessoas e os lugares*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
6. N, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Traduções*. Trad. Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
7. VAN DEN BORN, A. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 4º edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1987.